

## A crítica necessária

Jaime Ginzburg\*

Quando redigimos um texto crítico, podemos dar a impressão de que temos pleno controle do que estamos fazendo. De um lado, estaria um crítico seguro de suas ferramentas, e de outro, um texto literário aguardando o veredicto que determina seu lugar. Trata-se, evidentemente, de uma ilusão anedótica. Nenhuma voz crítica é perfeita ou absoluta, e todo texto tem direito a uma releitura. Universidades e jornais participam de um debate, que varia de regras, intensidade e conseqüências, de acordo com os tempos, os lugares e os participantes.

A tarefa da crítica literária sempre envolve uma tensão constitutiva. Saber que estamos dentro de um debate na esfera pública coloca uma difícil exigência: não podemos nos esquivar de participar do debate, mas não controlamos o modo como ele se desenvolve. Temos de atribuir valores a obras, imagens, palavras, sem ter a medida precisa em que nossa percepção corresponde ao que é melhor para o público ou mais justo para os autores. Crítica é tarefa destinada à reelaboração, à reinvenção.

O debate sobre literatura é constantemente atravessado por questionamentos nada fáceis. Fazer crítica leva a uma exposição pública. Num país marcado por diversidades, algumas delas trágicas, muitas regressivas, em que ainda há muito a fazer no campo do debate público, o que pode fazer a crítica literária?

Pode fazer muito, assumindo sua condição agônica. Um trabalho de crítica pode, ao identificar um tema relevante, um autor, um livro, uma questão, chamar atenção para preocupações que merecem dedicação e interesse. Numa sociedade impregnada pelo imediatismo do capital, em que as questões culturais raramente são prioritárias, apontar um tema relevante é trabalho de alta responsabilidade.

Conhecer os projetos apresentados ao Rumos Literatura Itaú Cultural reforça a compreensão de que discutir literatura no Brasil contemporâneo é trabalho que exige coragem. Dedicção, responsabilidade, clareza de pensamento, mas sempre coragem, pela necessidade, por poucos enfrentada, de mudanças nos modos sociais de lidar com palavras.

Gostaria de indicar quatro pontos particularmente importantes, dentro do conjunto dos projetos apresentados. Com isso, acredito ser possível lançar expectativas com relação ao resultado dos trabalhos, que receberão atenção intelectual e investimento financeiro. Mais do que isso, apontar a capacidade que alguns entre esses projetos têm de colocar problemas decisivos, e potencialmente contribuir para transformar e qualificar as condições em que fazemos crítica literária hoje no país.

- **Consciência das condições materiais de produção:** existe uma importante clareza sobre a ampliação sem precedentes das relações entre mercado e entretenimento no Brasil. Dentro desse contexto, as políticas das editoras propõem critérios de interação do público com o mundo dos livros. Além disso, com a internet, o impresso em papel divide a atenção com a produção virtual, criando comportamentos novos, estimulando interações entre produtores e receptores. Além de ser necessário adequar as categorias que usamos para analisar livros com o fim de entender blogs, temos de considerar as conseqüências que a produção online traz para a produção em papel.
- **Ambigüidade diante da experiência contemporânea:** o pensador Walter Benjamin causou grande impacto com suas idéias sobre a pobreza da experiência. Criadas a partir da Primeira Guerra Mundial, elas foram apropriadas em reflexões sobre a sociedade brasileira contemporânea. Surgem em projetos traços de melancolia, de um discurso do sofrimento. Nessas reflexões a miséria, a violência e a exclusão condicionam a percepção do que vivemos. Não é inesperado, no entanto, que em alguns projetos apareça uma posição afirmativa: uma vontade certa de seguir em frente, um entusiasmo por horizontes nunca experimentados, uma percepção inquieta do espaço urbano, uma procura de transgressão erótica de fronteiras, uma determinação de ampliar o repertório de possibilidades e modos de existência. A dissolução dos limites tradicionalmente atribuídos à ficção, própria de nossa modernidade tardia, se une aqui a potencialidades criativas da linguagem, com a derrubada dos campos tradicionais de gêneros, estilos e convenções formais. Em alguns projetos, a ambigüidade é soberana, como se, em vertigem, tanto críticos como escritores sondassem, sem resposta, as incertezas da história. A literatura aparece como condição privilegiada de

discussão para tentativas de avaliação positiva ou negativa da experiência, tanto em termos individuais quanto coletivos.

- **Interesse por vozes historicamente silenciadas:** em um campo com tantas tendências conservadoras como a crítica literária, em alguns momentos surgem críticos que se ocupam de segmentos sociais tratados injustamente no passado e no presente. No debate, como é comum, eles serão acusados de militância, de defesa de interesses políticos minoritários, ou de tornarem a literatura a arena impura de discussões intermináveis. Em minha opinião, não há nada de errado em integrar a reflexão sobre literatura e o inconformismo com repressões sociais. Os últimos 15 anos foram marcados por um profundo debate dos fundamentos excludentes de nosso cânone literário. Ainda há muito trabalho a ser feito nesse campo. Somos atormentados por heranças autoritárias, estereótipos e preconceitos, que ainda estão presentes em processos de formação de leitores em escolas e universidades. Cabe examinar em que medida a construção de valores estéticos se associa a debates históricos e sociais referentes a esferas como a ética, a desigualdade e as expectativas de mudanças no meio público.
- **Discussão de problemas urgentes e prioritários:** estaríamos em uma situação difícil se fôssemos governados pelo narcisismo e pelo individualismo, se o trabalho crítico existisse apenas para o gozo de seu autor ou a vaidade do escritor em pauta. Felizmente, em alguns projetos, o senso de responsabilidade está associado a uma capacidade de discernimento de prioridades para a área da literatura. Questionamentos formulados podem ser percebidos como esforços feitos em direções que de fato interessam, pois contemplam lacunas, carências da área, buscas de respostas para perguntas que precisamos enfrentar. Nesse âmbito se situam desde problemas como a tradução literária no Brasil, assunto em que a relevância enorme é desproporcional ao pouco conhecimento disponível, até a especificidade da crônica, que em nosso país tem particularidades formais e temáticas singulares, e uma importância ainda pouco compreendida.

Percebendo esses traços, pude entender os projetos aprovados no Rumos Literatura como manifestações atuais de estratégias necessárias de crítica e reflexão sobre literatura. A realização dos trabalhos, acredito, reverterá em contribuições relevantes para o debate, e poderá chamar atenção para problemas de teoria, crítica e história literária difíceis e incontornáveis, que devemos continuar a enfrentar.

\* **Jaime Ginzburg** é professor e coordenador do programa de pós-graduação em literatura brasileira da Universidade de São Paulo (USP). Atua no grupo de pesquisa Literatura e Autoritarismo.